

ESPELHO, ESPELHO MEU: UM ESTUDO SOBRE O CORPO NA REVISTA BOA FORMA

MAGIC MIRROR ON THE WALL: A STUDY ABOUT THE BODY IN THE MAGAZINE BOA FORMA

Cláudia Borges de Lima Araújo*, Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto**

RESUMO

Levando em consideração o crescimento dos cuidados com o corpo feminino na sociedade contemporânea e a exposição em diferentes tipos de mídia, este artigo tem como objetivo investigar como se dão as interações discursivas entre a *Revista Boa Forma* e a leitora, e os efeitos de sentido produzidos pelas imagens, bem como os textos que as acompanham. Para tanto, escolhemos como *corpus* de análise uma matéria da seção *Fitness + Esportes* da Revista Boa Forma do ano de 2017, intitulada *#SeisMesesEmForma*. A coleta de dados se deu por meio da investigação da reportagem sobre uma leitora frente a um desafio proposto. Os resultados apontam para uma interação entre a revista e a leitora que vai além do periódico, modificando assim, o comportamento da leitora. Como aporte teórico, serão utilizados conceitos da Ecologia da Interação comunicativa, proposta na Análise do Discurso Ecológica (COUTO, 2015).

Palavras-chave: Corpo feminino. Saúde. Discurso. Interação.

ABSTRACT

Taking into account the growth of female body care in contemporary society and exposure in different types of media, this article aims to investigate how the discursive interactions between Boa Forma Magazine and the reader, as well as the effects of meaning produced by images, and the accompanying texts. For that, we chose as corpus of analysis a news article from the Fitness + Sports section of a 2017 issue of the magazine, entitled #SeisMesesEmForma (#SixMonthsInShape). The data collection was done by means of the investigation of this news article, which was about a reader facing a challenge. The results show an interaction between the magazine and the reader

* Universidade Federal de Goiás – GO. email: letras.claudialima@gmail.com

** Universidade Federal de Goiás – GO. email: kiokoelza@gmail.com

that goes beyond the publication, thus modifying the behavior of the reader. As a theoretical background, we explored concepts from the Ecology of Communicative Interaction, proposed by the Ecological Discourse Analysis (COUTO, 2015).

Keywords: *Feminine body. Cheers. Speech. Interaction.*

INTRODUÇÃO

Ao se encaixar em padrões estéticos vigentes, o ser humano é seduzido pela imagem de corpos considerados por alguns grupos como um padrão de beleza a ser seguido. Para atender ao desejo de se encaixar nesse “padrão”, procura maneiras de pertencer a esse grupo. Assim, se submete a procedimentos estéticos, atividades físicas e a um tipo de alimentação considerada saudável, para alcançar o corpo perfeito. Segundo (GOLDENBERG, 2008), o modelo de corpo vigente é um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy e conquistado a custo de muito investimento, trabalho e esforço.

Nesse sentido, a revista *Boa Forma* é representativa para este estudo como objeto de análise, devido ao fato de expor imagens de corpos femininos aliadas a discursos que sugerem como atingir e manter um padrão corporal. As transformações técnicas dos meios audiovisuais são de certa forma responsáveis pelas mudanças nas imagens do corpo e, conseqüentemente, nas representações dos sujeitos, pois as pessoas tentam adequar-se aos padrões de beleza propagados por esses meios e fazem o que for possível para se igualar a esse modelo estético.

Em vista disso, os objetivos desse artigo são analisar uma matéria da seção Fitness + Esportes, da revista *Boa Forma* do ano de 2017, denominada *Boa Forma e Bio ritmo apresentam: seis meses em forma*; compreender de que modo o discurso “do corpo saudável” se movimenta em sociedade e influencia o comportamento de uma leitora, bem como investigar como se dão as interações discursivas que levam a possíveis mudanças no comportamento e no estilo de vida da leitora pensando nas categorias de análise da Análise do Discurso Ecológica (ADE), interação, adaptação e diversidade.

Tendo em vista esses objetivos, o presente artigo tem como aporte teórico a Análise do Discurso Ecológica (ADE), pois esta parte do processo de produção de discursos, levando em conta a ecologia da interação comunicativa, um dos ingredientes principais desse processo. A ADE estuda os fenômenos da linguagem, tem como ponto de partida a defesa da vida, é prescritiva no sentido de intervir a qualquer ato que cause o sofrimento físico. Segundo (COUTO; ALBUQUERQUE, 2015), o termo *prescrição* pode soar um tanto quanto forte, porém é utilizado no sentido de ‘recomendação’, ou ‘intervenção’, pois visa à luta contra tudo o que traz sofrimento aos seres vivos. A ADE olha o mundo de modo diferente, do ponto de vista ecológico, sem desprezar o todo. É diferente das outras análises do discurso, pois defende a ecoideologia, ou seja, a harmonia em defesa da vida e não as ideologias políticas e as relações de poder (COUTO; ALBUQUERQUE, 2015).

Serão enfocados nesse estudo também conceitos da Ecologia da Interação comunicativa, proposta na Análise do Discurso Ecológica (COUTO, 2015), atrelada ao conceito de Interação Verbal (BAKHTIN, 2014), para entender como ocorrem as interações entre a revista e as leitoras.

Dessa maneira, serão analisados os tipos de interação que ocorrem na revista e as possibilidades de sentidos que emergem das representações mentais proporcionadas pelos discursos sobre o corpo feminino (mental) e o compartilhamento dessas representações (social).

Este artigo é composto por três seções, na primeira (1), traremos o conceito de Análise do Discurso Ecológica e Ecologia da Interação Comunicativa, para tanto apresentamos a relação entre leitor e autor. Na segunda (2), trataremos do perfil da revista, bem como das interações e construções de sentidos nos discursos. Na terceira (3), realizamos as considerações finais em que retomamos as principais discussões apresentadas.

1 ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA

A Análise do Discurso Ecológica é uma teoria multidisciplinar, que tem por finalidade compreender a relação estabelecida pelo homem com seu meio ambiente, sugerindo atitudes realizáveis que visam o bem-estar de todo o ecossistema. Proposta, inicialmente, em (COUTO, 2013) e, de forma mais sistematizada em (COUTO, 2014), foi denominada, em seu surgimento, primeiramente, de Linguística Ecológica Crítica, por ser a aplicação da Linguística Ecológica, vertente da Ecolinguística trabalhada no Brasil no eixo Brasília-Goiânia. No entanto, foi denominada de Análise do Discurso Ecológica por realizar análise do discurso sob as práxis ecológicas partindo da visão ecológica de mundo. Nesse sentido, ela é uma teoria que se declara ecológica não no objeto de análise, mas na sua epistemologia.

A ADE possui algumas fontes principais de inspiração, dentre as quais se destaca a visão ecológica do mundo (VEM). Segundo (COUTO; COUTO; BORGES, 2015), essa visão permite um olhar diferente, um olhar do ponto de vista ecológico, devendo levar o estudioso a ver seu objeto de estudo como parte de um todo maior. No estudo em questão, nos concentraremos nos discursos sobre o corpo feminino, relacionando-o aos três ecossistemas linguísticos (natural, mental e social), os quais discutiremos na subseção seguinte.

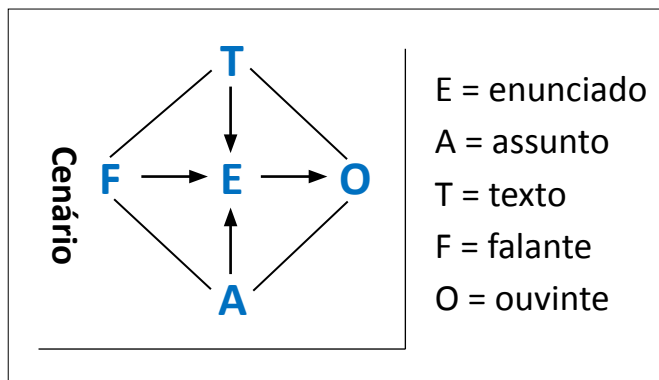
1.1 A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

O conceito central da Ecolinguística (teoria que deu início a ADE) é o ecossistema linguístico, ou seja, lugar onde as interações ocorrem, leva em conta os fatores psicológicos, comportamentais e sociais. O Ecossistema Linguístico é formado de um povo (P), vivendo em seu território (T) e falando uma mesma língua (L). Sendo assim, não existe Língua sem povo e sem território, portanto não existe interação, pois não há comunhão. Para que ocorra interação comunicativa se faz necessária a comunicação de duas formas (interação organismo-organismo) esta equivale à comunicação e (organismo-mundo), diz respeito à significação, os sentidos que são produzidos. Essa interação é entendida como Ecologia da Interação Comunicativa, EIC, é nela que surge o enunciado, o texto propriamente dito (COUTO, 2013).

Segundo (COUTO, 2015), a interação prototípica se dá face a face – é o diálogo, entre falante e ouvinte, já no texto se propaga de forma diferente, pois é produzido por um falante na ausência de um ouvinte. Seja ela prototípica ou não, a interação configura-se como meio ambiente da língua, sendo ele social, natural e mental, uma vez que existe nas mentes de seus usuários e só funciona se houver o compartilhamento (HAUGEN, 1972).

Para que ocorra uma eficácia da interação comunicativa é preciso aplicar algumas regras denominadas Regras Interacionais, culturalmente estabelecidas, podendo variar de uma comunidade linguística para outra (RI), e as Regras Sistêmicas, chamadas inadequadamente de “língua” (RS) – a gramática, sintaxe, morfologia etc. Estas fazem parte dos hábitos interacionais, auxiliares no processo de interação comunicativa. A figura abaixo representa esse conjunto de regras (interacionais e sistêmicas).

Figura 1 – Regras interacionais



Fonte: Couto, Couto e Borges (2015, p. 139).

Para que a comunicação seja eficaz, entendamos que todos os elementos da interação “E”, “A”, “T”, “F” e “O” constituem o conjunto de regras (interacionais e sistêmicas), bem como o cenário, local onde se dá a interação, o contexto, onde ouvinte e falante se encontram. Além disso, é possível perceber que as relações se dão no entorno do enunciado, partindo de um falante para um ouvinte, podendo ser invertidos os papéis.

Segundo (COUTO, 2013), a ecologia da interação comunicativa permite ao ouvinte entender o que o falante lhe disse mesmo diante de uma aparente infringência de regras sistêmicas. Assim, o importante é entender o que foi dito, mesmo que as relações de coerência e coesão apareçam desconectadas, se o dito foi compreendido, o restante é uma questão de regras sistêmicas, pois o que interessa é a eficácia da comunicação.

De acordo com (COUTO *et al.*, 2016), não basta o compartilhamento de regras interacionais e sistêmicas para que haja uma tentativa de interação comunicativa eficiente; é preciso estar em harmonia com o outro, portanto, a comunhão é a abertura para a comunicação, o simples ato de não responder a um “Bom dia” implica ausência de comunhão.

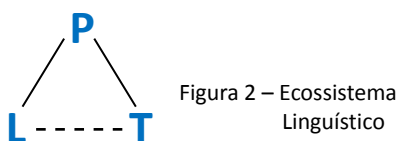


Figura 2 – Ecosistema Linguístico

De acordo com Couto, há no mínimo quatro ecossistemas linguísticos; são eles:

Figura 2a – Ecosistema Natural da Língua

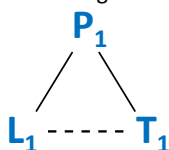


Figura 2b – Ecosistema Mental da Língua

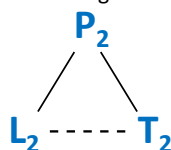
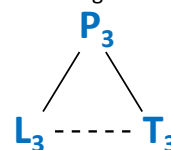


Figura 2c – Ecosistema Social da Língua



Como vemos, o Ecosistema Linguístico é composto pelo meio ambiente natural (tudo que pertence à língua como fenômeno natural – povo, território), mental (o cérebro e a mente), social (a coletividade, sociedade) e por último a convergência dos três primeiros para formar o quarto, meio ambiente integral da língua. Mais adiante pretendemos pensar esses três ecossistemas em relação à revista.

1.1.1 A interação entre a revista e o leitor

A língua é um fenômeno social, é representada por um conjunto de indivíduos que constituem a memória de um povo, agindo de forma coletiva em sociedade. De acordo com COUTO (2015) é o “lugar” em que se dão as interações dos seres sociais da coletividade, é o “território” social, a totalidade de grande parte do que constitui a cultura do povo em questão, de tudo que tem valor social.

Em relação à interação, a revista configura-se como um ambiente de produção de sentidos entre ela e o leitor. Essa interação se dá em um cenário (COUTO, 2015), que é o conjunto de elementos que caracteriza o local em que ocorre a interação comunicativa, compreendendo o espaço em que falante e ouvinte se encontram. No caso da revista, a interação ocorre no momento em que o leitor entra em contato com a revista, podendo se dar de forma imediata ou em momentos posteriores.

A ADE dialoga com diversas áreas do conhecimento, motivo pelo qual é multimetodológica, inter-, trans- e multidisciplinar. Nesse sentido, permite recorrermos a diferentes teorias, como a Teoria da Enunciação (BAKHTIN, 2014). Utilizaremos, portanto, o conceito de interação verbal segundo Bakhtin, uma vez que dialoga com a ecologia da interação comunicativa sendo preponderante para este trabalho.

Segundo Bakhtin (2014), a palavra é a interação verbal, funciona como indicador de mudanças sociais; para ele a língua é a expressão das lutas sociais, funcionando ora como instrumento dessa luta, ora sofrendo seus efeitos, sempre dando ênfase às relações de poder. Diferentemente, a Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), proposta inicialmente na Ecolinguística, visa a harmonia e luta contra tudo o que possa causar sofrimento a toda forma de vida, dando ênfase à manutenção da vida.

Diante desses conceitos, podemos considerar a revista como o suporte para que as interações ocorram. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém, constituindo justamente o produto da interação entre locutor e ouvinte (BAKHTIN, 2014). Vale salientar que um texto produz diferentes sentidos, advindos do conhecimento de mundo do leitor. De acordo com Bakhtin (2014), as palavras são carregadas de significado que exigem um processo de decodificação e transformação, partindo das experiências socioculturais vividas pelo leitor ao longo de sua vida; nem sempre o que foi dito pelo autor é o que foi entendido pelo leitor. O dialogismo bakhtiniano está no fato de o leitor dialogar com o texto, a construção do “eu” discursivo só se realiza apoiada em “nós”, o coletivo que forma novos discursos.

Couto (2015) concorda com Bakhtin (2014) no sentido de que, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do interlocutor: ele é a função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se estiver ligada ao locutor por meio de laços sociais.

2 A REVISTA BOA FORMA

O foco da revista *Boa Forma* é o embelezamento, os tratamentos com pele, cabelo, rotina de atividades físicas e alimentação saudável. Foi criada em 1988, pela editora Abril, mas, antes, era apenas um guia de ginástica chamado *Boa Forma* e consistia em uma publicação mensal que fazia parte da revista *Saúde*. As publicações agradaram tanto o público feminino que a editora decidiu transformar o encarte na *Revista Boa Forma*, que até hoje funciona como um manual de instruções para a manutenção e busca por um ideal de corpo esteticamente perfeito, ou seja, um corpo construído, esculpido por meio de dietas, exercícios físicos e cuidados com pele e cabelo.

Antes as revistas eram dirigidas a profissionais da medicina esportiva, tinham como leitores o público masculino. Com o surgimento da ginástica aeróbica, na década de 1980, o discurso do corpo saudável e malhado atraiu o público feminino; desde então, a revista decidiu voltar seus discursos às mulheres de modo mais específico. Atualmente, traz a representação de uma mulher mais preocupada com o corpo, que busca um padrão corporal, seja ele por meio de procedimentos estéticos, cirúrgicos ou dermatológicos. Dessa forma, observa-se a reprodução do discurso sobre o corpo feminino, que aparece na revista, como um indício dos modos de ver o mundo que se estabelecem num dado ecossistema social e mental. Verifica-se isso nas práticas discursivas que ressaltam a necessidade de equilíbrio por meio de uma rotina alimentar, procedimentos estéticos e atividades físicas.

O corpo ideal, ou seja, magro, porém curvilíneo e sensual é almejado por boa parte das mulheres e legitimado pela sociedade pós-moderna, localizada em um tempo e em um espaço, sendo caracterizado de acordo com questões culturais que são, no âmbito macroscópico das interações em um ecossistema linguístico, discursivas. Por isso, a revista Boa Forma se mantém até hoje na mídia, pois aborda o culto ao corpo como uma prática que é disseminada discursivamente, se adequando às mudanças dos ideais de beleza. Aqui, a questão não é apenas o desejo individual de ser, mas a adequação aos padrões legitimados por meio de discursos num ecossistema linguístico.

2.1 UM OLHAR PARA A INTERAÇÃO E AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO

A interação comunicativa pressupõe um falante (no caso o redator), um ouvinte (a leitora), um assunto de que falam (o discurso sobre o corpo feminino), visto como fruto da ideologia dominante, da sociedade atual. O corpo aqui apresentado é visto como reflexo das relações sociais, uma forma de controle das pessoas pela sociedade, tendo como meio a língua, que constitui um conjunto de hábitos interacionais que chamamos de regras interacionais e sistêmicas e um cenário, lugar onde as interações ocorrem.

Partindo do Ecossistema Integral da Língua, temos o ecossistema natural que, de acordo com (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p. 93), são “as relações [que] se dão entre dois indivíduos, equivalentes das interações organismo-organismo da ecologia biológica” e organismo-mundo.

O ecossistema mental da língua a ser analisado é constituído pelo processamento das interações entre a consciência do leitor em relação aos discursos produzidos sobre o corpo feminino e como se lida com eles.

Por fim, busca-se o ecossistema social, em que se delimitam as relações entre indivíduos e as interações comunicativas, fundamentadas nas redes discursivas que se estabelecem em ecossistemas linguísticos. É a população organizada socialmente, seus modos de entender e agir sobre o mundo, vista como um todo orgânico. O todo formado por uma língua, enquanto modo de interação, e seu respectivo meio ambiente social, o ecossistema social da língua (COUTO, 2010, p. 4).

A revista se configura como um canal de comunicação, que apesar de possibilitar diferentes sentidos, dependendo de como se dá o processo de leitura, indica, de forma geral, a necessidade de as leitoras seguirem o ideal de beleza discursivamente difundido na revista. É também responsável pelas mudanças dos discursos e das práticas sociais.

Os recortes selecionados trouxeram um desafio da revista *Boa Forma* em parceria com a academia *Bio Ritmo*, ambas contribuindo para um discurso do “corpo saudável e perfeito”. Para tal, a revista, por meio da “hashtag”, consegue alcançar o tipo de público interessado em boa forma e cuidados com o corpo. Tanto o periódico, quanto a academia lançam mão da persuasão trazendo

um resultado positivo de uma leitora, a fim de influenciar o público feminino a adquirir hábitos saudáveis e, conseqüentemente, ler a revista e praticar atividades físicas na academia *Bio ritmo*.

O objetivo foi o desafio #SeisMesesEmForma, sendo este o tempo estimado para conseguir atingir o corpo desejado. O que fez com que a leitora, Thaís Rahal de 29 anos não medisse esforços para seguir o programa. Traz um discurso velado da propaganda da academia com o intuito de vender a revista e todo o aparato vinculado a ela como, cremes para o corpo, cabelos e procedimentos estéticos aliados a uma alimentação equilibrada, segundo a revista.

A escolha da leitora e coordenadora de marketing, Thaís Rahal, que aceitou o desafio “seis meses em forma” da revista *Boa Forma*, ressalta a estratégia de um discurso de identificação, utilizado pela revista. Visto como um modelo mais propício a ser seguido, pois se apropria da imagem da leitora, para certificação do discurso de que o corpo magro e musculoso é tido como belo, por meio dos exercícios físicos.

Vemos, no recorte a seguir como a revista introduz o assunto, a partir da manchete e da linha fina:

Recorte I: Boa Forma e Bio Ritmo apresentam: “Seis meses em forma”

A rotina de trabalho e o cansaço constante se tornaram empecilhos para que Thaís Rahal seguisse praticando exercícios depois da mudança de cidade. Com um treino que une corrida e funcional, ela reconquistou o corpo de antes e ganhou muita disposição.

(Boa Forma, Março/17, edição 365)

Percebemos no recorte selecionado que o nome da academia faz referência a uma atividade cerebral que constitui nosso organismo. O termo “biorritmo” expresso na manchete, explica em parte os motivos pelos quais sofremos picos de energia e também a falta dela, o que leva muitas vezes ao cansaço físico e mental. No trecho “*ela reconquistou o corpo de antes e ganhou muita disposição*” mostram-se evidentes as contradições existentes no discurso. Há momentos em que a transgressão e a resignação se confundem, pois, nem sempre a disposição e a persistência em manter um corpo ideal se fazem presentes.

Uma das importantes categorias da ADE é a adaptação, que equivale às modificações realizadas para a sobrevivência das espécies frente a mudanças no ecossistema. Ou elas estão se adaptando ao meio ambiente ou adaptando o meio ambiente de modo a adequá-lo a elas. (COUTO, 2013). Nesse sentido, quando a leitora decide pôr em prática o desafio sugerido pela revista, ela modifica suas práticas em relação ao que comer e como se exercitar, visando se adaptar e aderir ao discurso do corpo saudável. O ritmo natural da vida leva o indivíduo a seguir modelos relacionados a questões culturais e históricas.

O termo Bio Ritmo utilizado pela academia é uma palavra de origem grega. “*Bios*” significa ‘vida’ e “*Rhythmos*” significa ‘ritmo’; concatenando os significados temos: Ritmo da Vida. Sendo assim, a adaptação “ao ritmo da vida” é entendida como algo da ordem do real, já que “bio” no nome da academia demarca um campo do saber que se apresenta como ordem do real. A adaptação acontece no nível do discurso sobre o corpo, apresentado estrategicamente como natural. Dessa forma, saímos da ordem do real para a ordem do discurso, ou seja, existe uma sobreposição hierárquica da vida sobre o discurso, pois há um diálogo harmônico entre os dois.

Um dos pontos cruciais da ADE é a diversidade, que implica na aceitação do outro, de forma a desenvolver atitudes tolerantes em relação ao diferente. O fato de não aceitar as diferenças pressupõe ações que podem levar à violência e à desarmonia (COUTO, 2013, p. 301). Podemos evidenciar certa reprovação velada da revista no que diz respeito à diversidade, pois há diferentes

tipos de corpos: magros, gordos, baixos, altos, brancos e negros. No entanto, chama a atenção o fato de a revista não trazer essa diferença em seu discurso, confirmando, assim, a existência de um padrão corporal, ou seja, corpos magros, e musculosos como sinônimo de beleza. Dessa forma a não aceitação da diversidade implica uma atitude antiecológica.

*Recorte II: “Parei de usar roupas que adorava porque me sentia mal com a barriga marcando.”
Boa Forma, 2017, Thaís Rahal*

No trecho exposto podemos observar que o sedentarismo e a má alimentação tomaram conta de Thaís, trazendo uma espécie de sofrimento mental desencadeando a não aceitação do próprio corpo, como podemos ver no trecho “se sentia mal com a barriga marcando”. O desafio #SeisMesesEmForma foi extremamente importante nesse momento, pois garantiu uma reviravolta em sua vida trazendo de volta a autoestima e o equilíbrio mental.

Outro ponto crucial da ADE é o de defesa da vida, pois, se estar bem com o corpo e com a mente traz felicidade, logo, tem-se a autorrealização, objetivo de qualquer ser vivo. Do contrário o fato de se sentir mal consigo pode acarretar sérios problemas físicos e mentais, podendo levar até à morte. Sendo assim, o desafio proposto pode se tornar uma forma de evitar o sofrimento, o que acaba sendo contraditório, pois nem todas as mulheres conseguem ou querem colocar em prática as recomendações da revista.

A revista defende a vida no sentido de que ser gorda significa não ser saudável e ter um corpo debilitado e propenso a vários tipos de doenças provenientes do excesso de peso e do sedentarismo pode levar até à morte. Dessa forma, a revista se torna prescritiva, no sentido de trazer recomendações acerca de inúmeras maneiras de conseguir um corpo saudável, mas vale salientar que o ponto principal a ser atingido não é somente a saúde, mas também o corpo magro e *sexy*. Assim a revista passa a ideia de que para viver de forma saudável é preciso ter uma alimentação adequada seguindo os cardápios sugeridos por ela e manter uma rotina de exercícios físicos.

Desse modo, a revista fez com que Thaís, leitora da revista que estava fora do peso e insatisfeita com sua aparência, aceitasse o que foi proposto e decidisse mudar tanto os hábitos alimentares quanto os físicos. Observamos, então, que houve uma interação entre o emissor e receptor, visto que no trecho selecionado a leitora dialoga com a proposta da revista, dando um feedback positivo frente ao desafio. É evidente sua percepção em relação à necessidade de uma mudança de comportamento, mesmo que essa interação não ocorra de maneira prototípica, ou seja, face a face, pois a interação só ocorreu no momento em que a leitora leu a revista e aceitou o desafio.

No trecho “*Boa Forma e Bio Ritmo apresentam:*” observa-se uma estratégia textual de persuasão utilizada pela revista, para convencer as leitoras a seguirem o discurso do corpo saudável, seguido de uma tática de venda da revista.



*Recorte III:
(Boa Forma, Março/17, edição 365)*

O esforço e dedicação na busca por um corpo perfeito se torna cada vez mais aparente na década de 2000. A imagem demonstra que o propósito agora não é apenas o equilíbrio do peso por meio de dietas, mas sim ser “magra” e “sarada”. Os músculos, antes cortejados apenas por homens, começam a fazer parte do desejo feminino, modelo estético supervalorizado pela sociedade. Podemos dizer que o culto ao corpo é como se fosse uma religião nos tempos modernos, e a academia, o templo onde acontecem os rituais, como o treinamento e a adoração. O uso das cores quentes e a luminosidade é um atrativo para aproximar o leitor da revista, pois a imagem salta aos olhos. Desse modo as regras sistêmicas são colocadas em prática com o uso da imagem para chamar a atenção do leitor.

Como demonstrado na imagem, o corpo vem sofrendo modificações ao longo dos anos; temos agora um corpo musculoso, imponente e visto como objeto de desejo. Os meios audiovisuais propiciam a propagação das mudanças nas imagens do corpo e na representação do sujeito. Nesse contexto, uma possível mudança de comportamento das leitoras frente à imagem selecionada nos mostra que a revista influencia diretamente o estilo de vida das pessoas. Sánchez (2011) define estilo de vida como sendo o resultado das escolhas das pessoas, podendo ser culturais, opções de lazer, moradia e acesso à cultura. É a forma como direcionamos nossa rotina; para o autor não é somente o resultado de nossas escolhas pessoais, mas também de fatores sociais, psicológicos, políticos e econômicos.

O periódico demonstra como o discurso de um padrão de beleza se cristalizou e como o público feminino interage com a revista, pois boa parte das mulheres fazem tudo o que for necessário para atingir um padrão de beleza. Esse padrão do qual falamos diz respeito à forma corporal: um corpo gordo e flácido é considerado inadequado pela revista. Para a revista, um corpo deve ser exibido, notado, almejado e apreciado, desde que esteja adequado.

Podemos observar isso não só na imagem, como também no seguinte trecho: “O treino é tão dinâmico que não dá tempo de pensar no cansaço”. A necessidade de uma tomada de posição, ou seja, de sair da inércia e tomar uma atitude fica evidente na palavra “dinâmico”, como sendo algo que não pode ser interrompido; sendo assim, os tratamentos e cuidados com o corpo se tornaram indispensáveis na sociedade pós-moderna. Nesse sentido, pode-se dizer que a revista também é um guia para soluções de problemas femininos e serve de autoajuda, com a repetição de fórmulas que prometem sucesso.

Assim, pudemos entender qual tipo de corpo a revista traz para as leitoras (o corpo magro) e qual o verdadeiro objetivo da revista ao expor os corpos femininos como vitrines, visto que há uma reprovação velada da revista aos comportamentos que fogem dos padrões estabelecidos pela sociedade, levando assim à não aceitação do diferente, ou seja, da diversidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das discussões realizadas, constatamos que a revista se tornou uma espécie de guia de autoajuda, pois funciona como manual de como se manter saudável e ao mesmo tempo em forma. O discurso do corpo saudável dá abertura para que a leitora faça uma avaliação pessoal, comparando os corpos apresentados na revista com o seu, com o objetivo de modificar seu estilo de vida e, conseqüentemente, seu corpo.

Foi possível perceber também que os interlocutores compartilham muitas informações, de modo que dificilmente há incompreensões e incomunicação. A revista molda e influencia o comportamento das leitoras, pois o seu foco é o embelezamento, a juventude, alimentação equilibrada e atividades físicas como forma de manutenção do corpo. Como bem aponta Bauman (2008), o

corpo humano, tal como foi concebido, está deixando de ser respeitado, cultuado para dar lugar a um trabalho que ele define como “autofabricação”. Assim, a revista é responsável pela manutenção do desejo de se adequar a essa concepção de corpo, ligada ao anseio da autorrealização da mulher por meio do corpo, como forma de pertencimento à sociedade.

O texto não é visto pela ADE como prototípico da linguagem, por não haver interação indivíduo-indivíduo (face a face); no entanto, não deixa de haver interação, pois há comunicação entre indivíduo-mundo. Desse modo, por um viés holístico procuramos ler o discurso do corpo nas entrelinhas, para mostrar que a revista, embora traga discursos acerca do corpo saudável, deixa aparente também o discurso de que não há diversidade. É claro que este assunto não é fonte inesgotável de pesquisas, tendo em vista o leque de possibilidades que a ADE nos proporciona.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BAUMAN, Z. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 556 p.
- CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 101-122, jan./jun. 2005.
- COUTO, E. K. N. N. do; ALBUQUERQUE, D. B. de. Análise do Discurso Ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6274>. Acesso em: 15 fev. 2108.
- COUTO, H. H. do. *Ecologia das preposições espaciais portuguesas*. *Lusorama*, v. 83/84, p. 50-79, 2010.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>. Acesso: em 14 fev. 2018.
- COUTO, H. H. do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes, 2015.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N.; ARAÚJO, G. P.; ALBUQUERQUE, D. B. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (org.). *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GOLDENBERG, M. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 221 p.
- HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. In: Couto, H. H. do; Couto, E. K. N. N. do; ARAÚJO, G. P. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016. p. 58.

- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- LAGARDE, M. *Género y feminismo: desarrollo humano y democracia*. Madri: Horas & Horas, 1996.
- MATOS, J. M. de. *Mulheres com excesso de peso e o culto ao corpo na cultura contemporânea*. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MILITO, C. A. K. *Culto ao corpo na publicidade: tecnologias para a construção do eu*. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Instituto de Biociências do Campus - Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2012.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia científica para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- NAESS, A. W. In: COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes, 2015. p. 130.
- REVISTA BOA FORMA. São Paulo: Abril, edição 365, março, 2017.
- SANCHEZ, C. *Ecologia do corpo*. Rio de Janeiro: Wak, 2011.